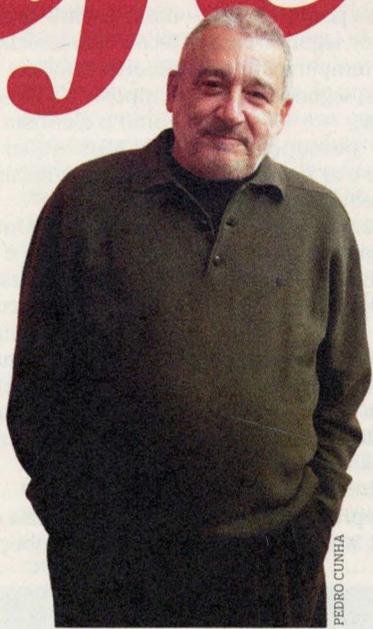


Uma história de *afectos*



PEDRO CUNHA

A profunda amizade que une a família de José Cardoso Pires a Nelson de Matos foi uma das heranças do escritor. A estreia das Edições Nelson de Matos não podia ser feita de outro modo:

“Lavagante”, conto inédito, está já nas livrarias.

Maria José Oliveira

É a história de uma aventura aos 62 anos. É a história de uma amizade que remonta aos anos 70. É a história dessa amizade transformada em partilha, em memória, em saudade. É, finalmente, a história de um conto escrito na década de 60, insistentemente reescrito e sujeito a várias versões, que agora vê a luz e reforça os laços de afeição nascidos há mais de 30 anos.

José Cardoso Pires, Nelson de Matos e Ana Cardoso Pires - são eles os protagonistas deste fio de história que podia continuar a ser esticado.

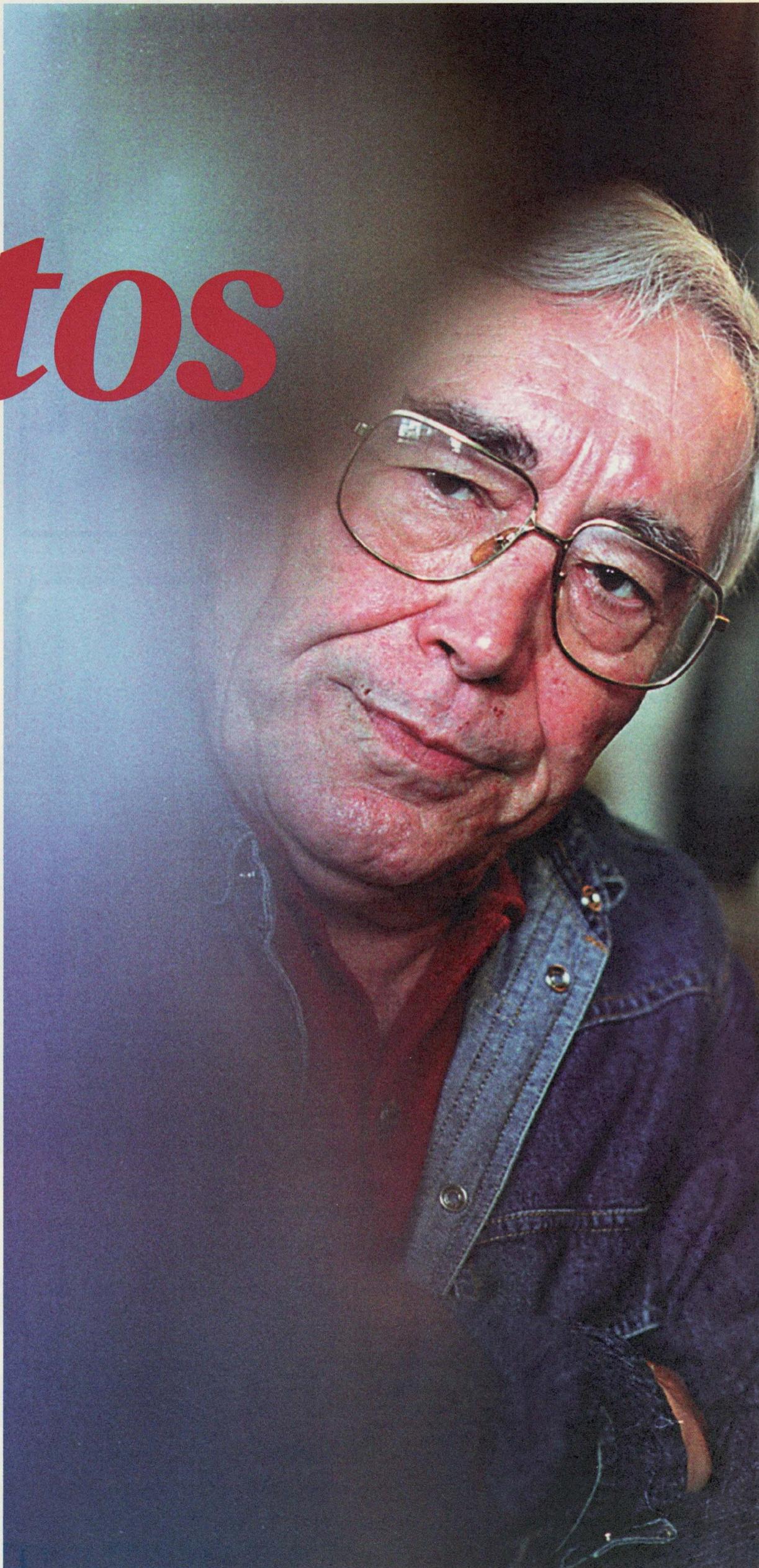
A estreia das Edições Nelson de Matos nos mercados editorial e livreiro fez-se ontem com a chegada às livrarias de um conto inédito de José Cardoso Pires, “Lavagante”, e cujo trabalho de escrita poderá situar-se entre 1963 e 1968. O regresso ao activo de um dos mais prolíficos editores portugueses - com um percurso notável na Arcádia, na Moraes Editores, na Dom Quixote, na Âmbar - faz-se sob bons auspícios: a primeira tiragem de três mil exemplares de “Lavagante” não chegou para satis-

fazer tantos pedidos, pelo que a primeira e a segunda edições aterraram nas livrarias em simultâneo.

Cardoso Pires ficaria certamente muito satisfeito com este retorno em grande do seu amigo à edição, com quem começou a trabalhar ainda na Moraes Editores (Nelson publicou-lhe o livro de contos “O burro em pé”). A “grande amizade, a confiança e a consideração” que une a família do escritor ao editor foi uma das “heranças” deixadas pelo autor de “Alexandra Alpha”. Diz Nelson: “Se ele me visse embrenhado nesta aventura de construir de raiz uma editora de certeza que faria alguma coisa para também participar nisto.” Ana, a mais velha das duas filhas do escritor, confirma: “Seguramente que o Zé estaria com ele.”

Folhas atadas por cordel

Volvidos dez anos sobre a morte do amigo, Nelson sente muito a sua falta: lamenta já não o ter a tocar à campanha de casa nas manhãs de domingo, quando o escritor o desafiava para sair, tomar um café e conversar; e, por



vezes, diante das notícias sobre a saúde ou o ensino, dá consigo a pensar “como é que o Zé reagiria a isto?”

“Às vezes sei. Ficaria irritado com tudo o que se passa à nossa volta”, diz. Por tudo isto seria impossível para Nelson de Matos mergulhar nesta “aventura solitária” de abrir uma “editora artesanal” sem o Zé.

Foi a versão “mais acabada” de “Lavagante” que chegou às mãos de Nelson de Matos. Aquela que Ana acredita ter sido trabalhada “até à exaustão” e que terá dado mais “tranquilidade” ao seu pai. Isto não significa que o conto estava concluído e pronto para publicação. Até porque Cardoso Pires era um daqueles escritores que escrevia, corrigia e voltava vezes sem conta ao mesmo texto. Existem, por isso, diversas versões de todos os seus livros.

Ana lembra-se quando o pai se fechava no escritório (um espaço habitado somente por objectos úteis, ilustrando o seu próprio pragmatismo, onde a mesa de trabalho era um tampo, as estantes “péssimas”, armários “que foram para o lixo” e apenas uma cadeira) e o caixote do lixo, ao fim do dia, transbordava de papéis. “Eu pensava que ele deixava tudo fora, mas não.” Cardoso Pires guardou todas as folhas soltas, todas as mínimas correcções e alterações. “De todos os livros há, pelo menos, duas ou três versões”, nota.

Foi no trabalho de organização do espólio documental do pai, que será doado à Biblioteca Nacional em Outubro, que Ana Cardoso Pires descobriu um “maço de folhas”, em papel amarelado, atado com cordel. Nada que a espantasse. Para o escritor os livros eram volantes (guardava alguns, desembaraçava-se de muitos, a que a mulher dava depois outros destinos), mas as versões de textos publicados e não publicados e os papéis e os recortes (de revistas de companhias aéreas a programas de jantares) tratava-os com o apuro de um coleccionador.

Nesse maço estavam cinco versões do conto agora editado pelas Edições Nelson de Matos - três dactilografadas, duas manuscritas, mantendo o “Lavagante” e divergindo nos subtítulos. Nelson recorda-se de, em 1963, ter lido na revista “O Tempo e o Modo” três páginas de “Um Lavagante e Outros Exemplos” e uma nota de roda pé onde se explicava que o texto era “um capítulo do próximo romance” do autor. A publicação destas três páginas assemelhou-se mais à crónica da morte de um romance anunciado. Nelson julgou então que Cardoso Pires desistira e abandonara o texto. “A grande surpresa foi que ele insistiu no texto durante vários anos”, afirma.

Nesse conjunto descoberto por Ana estava também “O Lavagante e a Mulher do Próximo”, por exemplo, uma das cinco versões sem data que o autor terá escrito entre 1963 e a data de edição de “O Delfim”, em 1968.

Como é que o conto chega inédito até 2008? Nelson responde: “Até 1974 ele sabia que o livro seria apreendido pela censura, por isso deixou-o de lado. Depois veio Abril e o texto pertencia já a um passado. Nessa altura, interessava-lhe antes fazer obra nova. Queria escrever sobre a sociedade portuguesa e não lhe interessava fazer história.”

Curiosidades da vida marinha
Cardoso Pires gostava muito de peixe. Ele e Nelson percorriam, por vezes, a cidade em busca de um bom restaurante de peixe. Depois seguiam-se almoços intermináveis.

“Eu pensava que ele deixava tudo fora, mas não”, diz Ana Cardoso Pires, a filha. O escritor guardou todas as folhas soltas, todas as mínimas correcções e alterações. “De todos os livros há, pelo menos, duas ou três versões”, nota

Livros

A gata da filha de Cardoso Pires em cima das versões do conto que serão entregues à Biblioteca Nacional



veis. Até ao momento em que a mulher do escritor, Edite, se lhes juntava para jantar.

O editor recorda isto, e muito mais (as longas conversas e o carácter interventivo do escritor), e passa a contar algumas particularidades da vida marinha, nomeadamente a história dos inseparáveis lavagante e safio.

É algo quase digno de uma parábola bíblica: nos fundos rochosos ou nas pequenas grutas onde o safio se refugia é o crustáceo, seu companheiro inseparável, que o alimenta, como se fosse escravo do peixe em forma de serpente. “Quando o safio engorda”, prossegue Nelson, “e não consegue sair da sua toca o lavagante mata-o e come-o.”

Lavagante e safio reproduzem uma infinidade de alegorias. Cardoso Pires viu aqui a repressão que dominou o país durante a ditadura, a acção da polícia política, a ausência de liberdade, a censura, as perseguições, o medo. E serviu-se da crise académica de 1962, uma das mais importantes acções de resistência antifascista que teve o seu epicentro em Lisboa, para escrever um conto que é, na sua génese, uma arma de combate contra a tirania. Mas é também uma história de amor “muito bem contada” que tem como pano de fundo a luta política.

Nesta dupla evocação de Cardoso Pires e da história recente do país, Ana e Nelson reflectiram sobre esse “pudor” que emerge nas publicações póstumas. “Isso foi absolutamente partilhado, ainda que requeresse pouca conversa, precisamente porque afinamos pelo mesmo diapasão, na memória do amigo e do escritor”, explica Ana.

Quanto à restante produção literária que não foi publicada, Ana assegura que a mesma vai continuar sem ver o prelo, por vontade da família. E também este conjunto, juntamente com fotografias, será depositado na Biblioteca Nacional. Para Vila de Rei, concelho de onde o autor era natural, vão cerca de dois volumes da sua biblioteca pessoal, todos eles com dedicatórias. Estes livros serão a jóia da coroa da biblioteca Cardoso Pires, que será inaugurada este ano.

A segunda edição de “Lavagante”, encomendada ainda antes do livro chegar às livrarias, confirma a aposta certa das Edições Nelson de Matos, que terá quatro colecções para diferentes géneros literários. Contudo, neste caso não é o lado mercantilista que interessa ao editor. Mas antes o profundo afecto que ainda sente por José Cardoso Pires.

Ver crítica de livros págs. 46 e segs.



**COMUNA
TEATRO
de pesquisa**

Terça a Sexta - Escolas • Sábados e Domingos às 15h

A Afilhada de Santo António

de António Torrado

Música Original: Maestro António de Sousa
Encenação e Versão Cénica: João Mota

Quarta a Sábado às 21h30 • Domingo às 17h

do Desassossego

A partir de "O Livro do Desassossego" de Bernardo Soares / Fernando Pessoa

Autor: Carlos Paulo
Encenação e Versão Cénica: João Mota

Quarta a Sábado às 21h30 • Domingo às 17h

berlim

A PARTIR DE "BERLIM" DE GONÇALO M. TAVARES
VERSÃO CÉNICA, ENCENAÇÃO E DRAMATURGIA: JOÃO MOTA

Quinta às 19h

A palavra dos poetas

de Carlos Paulo

FEVEREIRO - "O Ultimatum" de Álvaro de Campos

4ª e 5ª feira - Preço único 5€
Entrada livre

www.comunateatropesquisa.pt
teatrocomuna@sapo.pt

Telefone Reservas: 21 722 17 70/7/9
Bilhetes à venda na Fnac/Ticketline



Estrutura Financiada pelo

MC dgARTES
DIRECÇÃO-GERAL
DAS ARTES